

A INSUBMISSÃO DA MULHER NEGRA DIANTE O SISTEMA PATRIARCAL E HETERONORMATIVO NO CONTO *ISALTINA CAMPO BELO,* DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Frederico Loiola Viana
(UNEB)

Isa Rocha Bonfim
(UNEB)

INFORMAÇÕES SOBRE OS AUTORES

Frederico Loiola Viana é Mestre em Letras na área de concentração dos Estudos Literários (2023), pela Universidade do Estado da Bahia – DEDC – Campus X. Possui Licenciatura em Letras – Língua Inglesa e suas Literaturas (2018) e Especialização em Especialização em Docência do Ensino Superior (2020) e em História e Cultura Afro-brasileira (2021). De 2013 a 2014 fez parte como voluntário do projeto de Iniciação Científica intitulado Identidade Autoral na Escrita de Toni Morrison e Doris Lessing. E-mail: fredyloy@hotmail.com

Isa Rocha Bonfim é licenciada em Letras, com habilitação em e Literaturas, pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus X (2014-2018). Durante a graduação, atuou como bolsista CAPES no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), com foco em literatura inglesa e portuguesa. Posteriormente, foi bolsista FABESB (2022-2023), enquanto cursava o Mestrado em Letras – Literatura, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da UNEB, obtendo o título de Mestre na área de concentração em Estudos Literários (2024). E-mail: rochaaisa@gmail.com

RESUMO	ABSTRACT
<p>Esta pesquisa analisa o conto "Isaltina Campo Belo", de Conceição Evaristo, presente na obra <i>Insubmissas lágrimas de mulheres</i>. O estudo investiga os conflitos da protagonista — uma mulher negra em processo de descoberta de sua sexualidade lésbica — diante das estruturas opressoras do patriarcado, do racismo e da heteronormatividade. Apoiando-se em teóricos como Butler (2020), discute-se a heterossexualidade compulsória e seus impactos na formação identitária. Lerner (2019) contribui com a análise histórica do patriarcado, enquanto Hall (2011) auxilia na compreensão da crise identitária vivenciada pela personagem. As reflexões de Hooks (2020), Gonzalez (2020) e Lorde (2011) enriquecem a discussão ao destacar os desafios específicos enfrentados por mulheres negras, especialmente no que diz respeito à</p>	<p>This study analyzes the short story "Isaltina Campo Belo" by Conceição Evaristo, featured in the work <i>Insubmissas lágrimas de mulheres</i> (Unsubmissive Women's Tears). The research examines the conflicts faced by the protagonist—a Black woman discovering her lesbian sexuality—against oppressive structures of patriarchy, racism, and heteronormativity. Drawing on theorists such as Butler (2020), the study discusses compulsory heterosexuality and its impacts on identity formation. Lerner (2019) contributes to the historical analysis of patriarchy, while Hall (2011) aids in understanding the protagonist's identity crisis. The reflections of hooks (2020), Gonzalez (2020), and Lorde (2011) enrich the discussion by highlighting the specific challenges faced by Black women, particularly regarding sexuality and intersectional feminism. Evaristo's narrative</p>



sexualidade e ao feminismo interseccional. A narrativa de Evaristo revela como Isaltina, mesmo vítima de violência sexual, racismo e homofobia, resiste ao silenciamento imposto pela sociedade. Seu processo de autoaceitação, ainda que doloroso, culmina em um ato de libertação e autorreconhecimento como mulher lésbica. O conto, assim, não apenas denuncia as opressões estruturais, mas também celebra a resiliência e a insubmissão da protagonista, oferecendo uma perspectiva de esperança e afirmação identitária.	reveals how Isaltina, despite enduring sexual violence, racism, and homophobia, resists societal silencing. Her journey of self-acceptance, though painful, culminates in an act of liberation and self-recognition as a lesbian woman. Thus, the story not only denounces structural oppression but also celebrates the protagonist's resilience and defiance, offering a perspective of hope and identity affirmation.
---	--

PALAVRAS-CHAVE	KEY-WORDS
Gênero; Patriarcado; Heterossexualidade Compulsória; Feminismo Negro.	Gender; Patriarchy; Compulsory Heterosexuality; Black Feminism.

INTRODUÇÃO

O conto *Isaltina Campo Belo* está presente na obra de *Insubmissas lágrimas de mulheres* de Conceição Evaristo. A primeira edição do livro foi publicada em 2011 pela editora Nandyala. Em 2016, uma segunda edição da obra foi publicada pela editora Malê. Na obra, a autora relata histórias de treze mulheres negras em diferentes dilemas sociais. São histórias que contam as experiências de violência, pobreza, desigualdade social, maternidade, sexualidade e feminilidade de mulheres negras em uma realidade racista, misógina e opressora. O *corpus* desta pesquisa, o conto *Isaltina Campo Belo*, acompanha a trajetória de sua protagonista desde a infância até a vida adulta. Em sua narrativa, ela expõe os dilemas enfrentados em uma realidade marcada pelo racismo e pela dominação patriarcal, sistema que historicamente impõe às mulheres a internalização de normas heteronormativas.

A heteronormatividade pode ser entendida como um desdobramento do patriarcado, uma vez que este sustenta rígidas estruturas de gênero alinhadas à heterossexualidade compulsória, excluindo qualquer expressão que delas escape. Essa lógica se manifesta não apenas na violência contra mulheres e pessoas LGBTQIA+ — mecanismo de controle e reforço dessas normas —, mas também na mídia e em produções culturais, que frequentemente privilegiam relações heterossexuais e papéis de gênero tradicionais, perpetuando tais sistemas.

De acordo com Gerda Lerner (2019), o patriarcado constitui um sistema social em que os homens detêm o monopólio do poder político, da autoridade moral, dos privilégios sociais e do controle patrimonial. Essa estrutura hierárquica, consolidada historicamente, opera por meio da marginalização sistemática de mulheres e identidades de gênero dissidentes, impondo-lhes normas rígidas baseadas em estereótipos de gênero. Nessa lógica, o patriarcado se sustenta sobre três pilares interligados: a hierarquia de gênero, que naturaliza a suposta superioridade masculina; a divisão sexual do trabalho, que confina as mulheres às esferas privadas do trabalho doméstico e de cuidado,

reservando aos homens o espaço público e político; e o controle sobre a corporalidade feminina, expresso em expectativas normativas acerca de comportamento, aparência e sexualidade.

A protagonista da história de Evaristo enfrenta questões relacionadas a gênero, orientação sexual e a hipersexualização do corpo negro. Isaltina Campo Belo busca se aceitar como é, lidando com as pressões sociais que encontra ao longo da narrativa, especialmente ao se comparar com seus irmãos, que seguem padrões que ela não se identifica. A personagem também reflete sobre sua orientação sexual, que, segundo Adrienne Rich (1993), pode ser entendida como um dilema enfrentado por mulheres lésbicas, descrito como heterossexualidade compulsória. Esse conceito feminista se refere à ideia de que a sociedade pressupõe e impõe que todos devem ser heterossexuais.

Assim, a heterossexualidade é vista não apenas como uma das várias orientações sexuais, mas como a única aceitável ou normal. Várias instituições sociais, culturais, religiosas e políticas reforçam essa visão, mantendo a heterossexualidade como o padrão predominante. Em sua jornada de autodescoberta, a personagem de Evaristo lida com a violência física, psicológica e sexual. As dores que Isaltina Campo Belo enfrenta são reflexos de uma sociedade racista, misógina e homofóbica, que influencia as escolhas das mulheres e leva a uma opressão devastadora, especialmente para as mulheres negras.

A ESCRIVIVÊNCIA DE CONCEIÇÃO EVARISTO

A ouvinte das histórias das treze mulheres é uma narradora afrodescendente que estabelece identificação com cada relato compartilhado. Nesse contexto, Conceição Evaristo cunhou o conceito de *escrevivência* - termo que remete às experiências das mães-pretas que, vivendo nas casas-grandes, narravam histórias para embalar o sono dos filhos dos senhores, exercendo assim uma maternidade imposta. Como explica Evaristo (2020), a *escrevivência* emerge como um ato político de escrita das mulheres negras, constituindo-se em dispositivo de transmissão de vozes historicamente silenciadas. Trata-se de um mecanismo de resgate narrativo: mulheres que outrora foram escravizadas e privadas de expressão encontram, através da escrita, um meio de autoafirmação e registro de suas memórias.

Evaristo (2020) ressalta que a *escrevivência* não se confunde com narcisismo, pois não se trata de uma mera escrita de si, mas sim de um espelho que reflete as essências de Oxum e Iemanjá. A autora fundamenta sua teoria no misticismo africano, utilizando essas referências orixás como bases epistemológicas.

No que tange a realidade vivida pelas mulheres negras descritas nas narrativas de Evaristo, a autora conceitua da seguinte forma:

Sendo as mulheres negras inviabilizadas, não só pelas páginas da história oficial brasileira, mas também pela literatura, e quando se tornam objetos da segunda, na maioria das vezes, surgem ficcionalizadas a partir de estereótipos vários, para as escritoras negras cabem vários cuidados. Assenhorando-se da pena, objeto representativo do poder falocêntrico branco, as escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de uma autorrepresentação. Surge a fala de um corpo que não é apenas descrito, mas antes de tudo vivido. A escre(vivência) das mulheres negras explicita as aventuras e desventuras de quem conhece uma dupla condição, que a sociedade teima em querer inferiorizada, mulher e negra (Evaristo, 2005, p. 205).

O conceito de escrevivência, cunhado por Conceição Evaristo, é desenvolvido em sua obra *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*. A autora apresenta narrativas que, embora distintas de sua experiência pessoal como mulher negra, ressoam profundamente em sua trajetória: "estas histórias não são totalmente minhas, mas quase que me pertencem, na medida em que, às vezes, se (con)fundem com as minhas" (Evaristo, 2016, p. 7).

Evaristo destaca o espaço de exclusão ocupado por suas personagens, criando uma identificação coletiva que transcende a individualidade. Sua escrita possibilita que sujeitos e grupos socialmente marginalizados se reconheçam nessas representações literárias. Nessa perspectiva, como aponta Lélia Gonzalez (2020), as mulheres não-brancas enfrentam uma dupla discriminação:

É importante insistir que, dentro da estrutura das profundas desigualdades raciais existentes no continente, a desigualdade sexual está inscrita e muito bem articulada. Trata-se de uma dupla discriminação de mulheres não brancas na região: as amefricanas e as ameríndias. O caráter duplo de sua condição biológica — racial e/ou sexual — as torna as mulheres mais oprimidas e exploradas em uma região de capitalismo patriarcal-racista dependente. Precisamente porque esse sistema transforma diferenças em desigualdades, a discriminação que sofrem assume um caráter triplo, dada a sua posição de classe: as mulheres ameríndias e amefricanas são, na maioria, parte do imenso proletariado afro-latino-americano (Gonzalez, 2020, p.132).

Como demonstra Gonzalez (2020), a realidade patriarcal e racista impõe às mulheres não-brancas as marcas persistentes da desigualdade social, inscritas numa estrutura de dominação historicamente constituída. Essa condição demanda uma compreensão atenta às estratégias de resistência que essas mulheres desenvolvem para enfrentar o sistema e suas múltiplas formas de opressão.

No campo da ficção, Javier Santos Sánchez (2020) identifica três vozes narrativas fundamentais nos contos analisados. A primeira é a narradora-protagonista, que

reconstrói oralmente eventos do passado; a segunda, a narradora-ouvinte, que articula as histórias a partir de um tempo intermediário; e por fim, a narradora-autora, que ressignifica os fatos através da escrita, entrelaçando memórias e experiências num tempo posterior. O autor descreve essas instâncias narrativas como círculos concêntricos que progressivamente desestabilizam a linearidade temporal, propondo assim alternativas à narrativa hegemônica.

A INSUBMISSÃO DE CAMPO BELO

O conto *Isaltina Campo Belo* traça a jornada existencial de sua protagonista desde uma infância aparentemente feliz até a vida adulta, marcada por uma constante sensação de desajuste corporal. Conceição Evaristo constrói minuciosamente essa trajetória, revelando como a personagem gradualmente descobre e assume sua identidade como mulher lésbica - compreensão que só se completa no desfecho da narrativa.

Desde a infância, Isaltina manifesta um profundo desconforto identitário: rejeitava seu nome de batismo e identificava-se com o universo masculino. Essa cisão inicial entre corpo e identidade antecipa o longo processo de autodescoberta que caracteriza sua jornada. Tive uma infância feliz, só uma dúvida me perseguia. Eu me sentia menino e me angustiava com o fato de ninguém perceber. Tinha me dado um nome errado, me tratavam de modo errado, me vestiam de maneira errada... Estavam todos enganados (Evaristo, 2011, p.57).

A perplexidade infantil diante da própria identidade de gênero revela os desafios enfrentados por crianças *queer* em seu processo de autoconhecimento. Essa dificuldade inicial evidencia como a estrutura social heteronormativa - que Judith Butler (2020) conceitua como *heterossexualidade compulsória* - atua como mecanismo coercitivo, moldando e restringindo as possibilidades identitárias desde a infância.

O fato de a realidade do gênero ser criada mediante performances sociais contínuas significa que as próprias noções de sexo essencial e de masculinidade e feminilidade verdadeiras ou permanentes também são constituídas, como parte da estratégia que oculta o caráter performativo do gênero e as possibilidades performativas de proliferação das configurações de gênero fora das estruturas restritivas da dominação masculina e da heterossexualidade compulsória (Butler, 2020, p. 201).

Como destaca Butler (2020), a dominação masculina e a heterossexualidade compulsória operam como dispositivos normativos que regulam as performances de

gênero. Nessa mesma perspectiva teórica, Adrienne Rich (2010) argumenta que as mulheres são socialmente coagidas a reproduzir a heterossexualidade como regime político sob o poder patriarcal. A autora demonstra como o casamento heterossexual e as orientações sexuais normativas são apresentados às mulheres não como escolhas, mas como imperativos sociais inevitáveis. Sendo assim:

O cinto de castidade, o casamento infantil, o apagamento da existência lésbica (exceto quando vista como exótica ou perversa) na arte, na literatura e no cinema e a idealização do amor romântico e do casamento heterossexual são algumas das formas óbvias de compulsão, as duas primeiras expressando força física, as duas outras expressando o controle da consciência feminina enquanto a clitoridectomia vem sendo atacada pelas feministas como uma forma de tortura das mulheres (Rich, 2010, p.26).

Rich (2010) aprofunda essa análise sobre a imposição masculina, demonstrando como tal processo gerou um sistemático apagamento de existências dissidentes. A teórica argumenta que a representação lésbica nas produções culturais - seja na arte, literatura ou cinema - frequentemente se reduz a uma visão exotizada e perversa, onde mulheres lésbicas só adquirem relevância quando atendem a fetichizações masculinas. Esse apagamento cultural opera em dupla face: não apenas marginaliza as vivências lésbicas, como também reforça a heteronormatividade como regime único de existência. A idealização social do casamento heterossexual como destino inevitável para as mulheres consolida-se como mecanismo de silenciamento, apagando alternativas possíveis de afeto e subjetivação feminina.

Segundo Virginia Maria Vasconcelos Leal (2011), quando se fala em gênero, é preciso pensar nas diferenças socialmente definidas ao longo da história, conforme pode ser visto a seguir:

Falar de gênero é pensar em assimetrias estabelecidas socialmente ao longo da história. Como assimetrias são estabelecidas simbólica e culturalmente, e não como um dado “natural”, é sempre possível pensar em sua superação. No caso específico da visibilidade de orientações sexuais não-hegemônicas, seu processo é permeado por lutas políticas, posicionamentos individuais e valores culturais (Leal, 2011, p.248).

Como destaca Leal (2011), as orientações sexuais não-hegemônicas são sistematicamente classificadas como desvios da natureza. A autora ainda ressalta que a literatura, enquanto prática artística, desempenha um papel fundamental no processo contínuo de construção e desconstrução das noções de gênero. Essa perspectiva torna-se particularmente reveladora na análise do conto *Isaltina Campo Belo*, onde acompanhamos

a jornada de uma personagem que cresce em profunda repressão, desenvolvendo uma relação conflituosa com seu próprio corpo e buscando na transição de gênero um alívio para sua angústia existencial.

Complementando essa análise, Lerner (2019) em sua pesquisa seminal sobre as origens do patriarcado, demonstra que este sistema levou aproximadamente dois milênios e meio para se consolidar como estrutura dominante. A historiadora enfatiza que essa construção foi um projeto coletivo, envolvendo tanto homens quanto mulheres na reprodução de papéis sociais rigidamente definidos com base em diferenças sexuais - padrões que se cristalizaram em sistemas de valores, práticas culturais e ordenamentos jurídicos. Com isso,

O sistema do patriarcado só pode funcionar com a cooperação das mulheres. Assegura-se essa cooperação por diversos meios: doutrinação de gênero, carência educacional, negação às mulheres do conhecimento da própria história, divisão de mulheres pela definição de “respeitabilidade” e “desvio” de acordo com suas atividades sexuais; por restrições e coerção total; por meio de discriminação no acesso a recursos econômicos e poder político e pela concessão de privilégios de classe a mulheres que obedecem (Lerner, 2019, p. 267).

Nessa mesma perspectiva teórica, Lerner (2019) demonstra que, ao longo de quase quatro milênios, as mulheres foram socialmente constituídas sob a égide do sistema patriarcal, particularmente no que concerne à dominação de caráter paternalista. Como um dos efeitos mais perversos dessa estrutura, consolida-se a heterossexualidade compulsória - mecanismo já anteriormente discutido.

Butler (2020) avança nessa análise ao propor que a aparente unidade de gênero se constitui, na verdade, como resultado de práticas regulatórias que visam homogeneizar identidades através da imposição da heterossexualidade como matriz normativa. Em outras palavras, trata-se de um dispositivo de poder que produz a ilusão de coerência identitária.

Observe-se não só que as ambiguidades e incoerências nas práticas heterossexual, homossexual e bissexual - e entre elas - são suprimidas e reescritas no interior da estrutura reificada do binário disjuntivo e assimétrico do masculino/feminino, mas que essas configurações culturais de confusão do gênero operam como lugares de intervenção, denúncia e deslocamento dessas reificações. Em outras palavras, a "unidade" do gênero é o efeito de uma prática reguladora que busca uniformizar a identidade do gênero por via da heterossexualidade compulsória (Butler, 2020, p. 67).

Retomando a narrativa, acompanhamos a infância de Isaltina Campo Belo marcada

por uma angústia identitária constante: ela alimentava a esperança de que sua mãe, a qualquer momento, revelasse sua verdadeira natureza masculina. Essa expectativa atinge seu ápice aos seis anos, quando, durante uma crise de apendicite, a protagonista nutre a fantasia de que a cirurgia médica poderia finalmente desvendar e corrigir o "erro" de seu corpo – revelando-a como menino. A frustração desse desejo não realizado aprofunda sua dor existencial, inaugurando um processo progressivo de desintegração identitária.

À medida que amadurece, Isaltina Campo Belo vai se distanciando cada vez mais dos padrões esperados para o gênero feminino, vivendo o que poderíamos chamar de uma diáspora de si mesma. Enquanto suas contemporâneas se envolviam com namorados, Isaltina construía em seu imaginário um futuro afetivo compartilhado com meninas – devaneios que apenas ampliavam o abismo entre sua subjetividade e as expectativas sociais.

E, por isso, acabei de crescer, contida. Amarrava os meus desejos por outras meninas e fugia dos meninos. Toda a minha adolescência, vivi um processo de fuga. Recusava namorados, **inventava explicações sobre o meu desinteresse sobre os meninos e imaginava doces meninas sempre ao meu lado** (Evaristo, 2011, p. 54, grifo dos autores.)

Assim, é possível perceber que a protagonista vai se identificando como mulher lésbica ao longo da narrativa. Isaltina Campo Belo não conseguia se encaixar socialmente mesmo após descobrir que se sentia atraída por mulheres, conforme afirma Sobrinho (2015):

Na verdade, Campo Belo não era um menino em um “corpo errado”, como são os transexuais e as transexuais. Era uma menina homossexual, cuja identidade de gênero permaneceu confusa por muito tempo, devido à violência simbólica imposta pela heteronormatividade, um dos braços do patriarcado. Por isso, como se sentia errada no mundo, deslocada, acabou por “amarrar” seu desejo, contendo-o e fugindo dos pretensos namorados, recusando-os (Sobrinho, 2015, p.87).

A autora salienta que a adolescência constitui um período marcado pelo sentimento de *não-pertencimento*, fase em que questionamentos sobre identidade, sexualidade e relações sociais se tornam particularmente agudos. Nesse contexto, Rich (1993) analisa a heterossexualidade compulsória como um mecanismo de controle sociocultural que opera através de uma dupla ação: por um lado, exerce pressão constante sobre os indivíduos para que se conformem às normas heterossexuais desde a infância; por outro, promove a invisibilização sistemática de outras orientações sexuais. Esse processo de apagamento se manifesta de múltiplas formas – desde a marginalização e

estigmatização até a completa negação da existência de identidades não-heterossexuais. A trajetória da protagonista do conto exemplifica concretamente esses mecanismos, revelando como a heterossexualidade compulsória atua na constituição de subjetividades dissidentes.

No âmbito das discussões sobre identidade, Stuart Hall (2011) postula que as identidades contemporâneas se encontram em permanente estado de fluxo e transformação. Segundo o autor, tais construções identitárias estão sujeitas a uma radical historicização, sendo profundamente influenciadas pelo contexto sociocultural em que emergem. A globalização e os desdobramentos da modernidade tardia exercem impacto direto nos processos de formação identitária de jovens e adolescentes, com a mídia assumindo papel central nessa construção.

Essa dinâmica encontra ressonância na obra de Conceição Evaristo, onde se observa como as pressões sociais interferem nos dilemas existenciais de Isaltina Campo Belo. A personagem, em sua jornada de autodescoberta, vivencia um profundo conflito entre seu corpo e sua sexualidade emergente – tensão que espelha os mecanismos de normatização discutidos por Hall (2011).

Complementando a discussão sobre identidade, Hall (2006) problematiza a noção de identidade unitária, argumentando que os sujeitos contemporâneos negociam múltiplas identidades conforme os diferentes contextos espaciais e temporais que ocupam. O autor desnaturaliza a ideia de uma identidade fixa e coerente, caracterizando-a como uma construção imaginária – uma fantasia discursiva que mascara a fragmentação inerente à experiência identitária pós-moderna. Com isso,

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (Hall, 2006, p. 13).

A identidade, como explica Hall (2006), se transforma através das experiências vividas. Essa noção ajuda a entender a protagonista do conto, que atravessa momentos de profunda confusão emocional e um sentimento persistente de não pertencimento à própria existência.

Em pouco tempo, sem que a mamãe-enfermeira soubesse, descobrimos, na rua e nos livros, tudo sobre o corpo da mulher e do homem. Sobre beijos e afagos dos homens para com as mulheres. **Lembro-me que fui invadida por certo sentimento, que não sei explicar até hoje, uma sensação de estar fora de lugar.** Eu via e sentia meu corpo parecer com o de minha

irmã e se diferenciar do porte de meu irmão (Evaristo, 2011, p. 53, grifos dos autores).

A angústia de não se encaixar socialmente, especialmente ao se comparar com seus irmãos, é um sentimento que permeia a experiência de mulheres lésbicas durante a descoberta da sexualidade. Essa pressão social as leva a buscar formas de se adequar a um padrão heteronormativo dominante. Na narrativa, a personagem vê-se obrigada a deixar sua casa, mudar de cidade e tentar encontrar um espaço onde possa existir de forma mais autêntica.

Quando Isaltina Campo Belo ingressa na vida acadêmica, conhece um rapaz que se torna seu namorado. Ele insiste em conquistá-la, convencido de que ela simplesmente não havia descoberto seu *verdadeiro* desejo por homens e que caberia a ele *ensiná-la*: “Afirmava que eu deveria gostar muito e muito de homem, apenas não sabia. Se eu ficasse com ele, qualquer dúvida que eu pudesse ter sobre sexo entre um homem e uma mulher acabaria. Ele iria me ensinar, me despertar, me fazer mulher” (Evaristo, 2011, p. 55).

Essa fala revela uma violência velada, que Hooks (2020) associa ao legado escravocrata, sistema que naturalizou a exploração sexual das mulheres negras e perpetuou sua desumanização. A autora ressalta que a desvalorização da mulher negra se estendeu por séculos, tornando-a duplamente vulnerável – tanto à violência patriarcal quanto à racial. O corpo da mulher negra, historicamente explorado, violentado e desprezado, carrega as marcas dessa opressão. Hooks (1981) evidencia como o racismo intensifica as violências do patriarcado, submetendo essas mulheres a uma dupla marginalização. No conto, o namorado de Isaltina Campo Belo exemplifica essa lógica ao reduzi-la a estereótipos racistas e sexuais: “Ele iria me ensinar, me despertar, me fazer mulher. E afirmava, com veemência, que tinha certeza do meu fogo, pois afinal, eu era uma mulher negra, uma mulher negra...” (Evaristo, 2011, p. 64).

Esse trecho explicita a objetificação e a hipersexualização do corpo feminino negro, herança direta de uma estrutura que legitima sua violação. Posteriormente, a narrativa expõe a consumação do estupro, confirmando como a violência racial e de gênero se entrelaçam na experiência da personagem. Nunca podia imaginar o que me esperava. Ele e mais cinco homens, todos desconhecidos. Não bebo. Um guaraná me foi oferecido. Aceitei. Bastou. Cinco homens deflorando a inexperiência e a solidão de meu corpo. Diziam, entre eles, que estavam me ensinando a ser mulher (Evaristo, 2011, p. 56).

A opressão masculina sobre o corpo feminino persiste há séculos, mantendo-se até os dias atuais. A violência sexual e emocional contra mulheres é profundamente lamentável, e no caso da personagem em análise, sua dor vai além das questões de gênero

– está também ligada à descoberta de sua sexualidade em uma sociedade opressora. O sofrimento de lidar com um mundo racista e homofóbico é ainda mais intenso em sua subjetividade, pois a homoafetividade entre mulheres negras enfrenta barreiras adicionais. O processo de autoaceitação torna-se particularmente doloroso diante do estereótipo histórico de que "o corpo negro feminino existe para servir ao prazer masculino". Nesse contexto, Audre Lorde (2019) destaca outro aspecto crucial: o medo que mulheres negras lésbicas carregam em relação às mulheres brancas, revelando mais uma camada de complexidade em suas vivências.

Um medo de lésbicas, ou de serem acusadas de lésbicas, levou muitas mulheres negras a testemunhar contra si mesmas. Isso levou algumas de nós a alianças destrutivas, e outras ao desespero e ao isolamento. Nas comunidades de mulheres brancas, heterossexismo é às vezes resultado de uma identificação com o patriarcado branco, uma rejeição àquela interdependência entre mulheres que se identificam como mulheres (women-identified women) que permite que eu exista em vez de ser usado a serviço dos homens. Às vezes isso reflete uma crença ultraconservadora na característica protetora dos relacionamentos heterossexuais, às vezes um autodesprezo contra o qual todas as mulheres têm de lutar, que nos é ensinado desde que nascemos (Lorde, 2019, p.246).

Desse modo, Lorde (2019) salienta que o medo imposto às mulheres negras constitui mais uma forma de apagamento social, produto direto do heterossexismo e do patriarcado, que subjuga mulheres lésbicas sob o peso de dogmas conservadores. No conto, essa violência se materializa de forma brutal: Isaltina Campo Belo engravida em decorrência de um estupro. Dessa experiência traumática nasce Walquíria, sua filha, que é acolhida pela protagonista com afeto – um gesto que contrasta radicalmente com a violência de sua concepção. Entretanto, observa-se que Isaltina Campo Belo estava completamente dissociada de sua própria subjetividade durante esse processo. Sua gravidez sequer foi percebida por ela mesma até estágios avançados, como evidenciado no trecho a seguir:

Quem eu era? Quem era eu? Depois, apareceu a gravidez, uma possibilidade na qual eu nunca pensara, nem como desejo e jamais como um risco. Tal era o estado de alheamento em que eu me encontrava, que só fui perceber grávida sete meses depois quase com a criança nascendo (Evaristo, 2011, p. 56).

É crucial destacar, contudo, que a aceitação da gravidez decorrente de estupro não é universal, como ocorreu com a protagonista. Cada mulher vivencia esse trauma de maneira singular, e suas decisões devem ser respeitadas em sua complexidade. No

âmbito legal, o Artigo 128 do Decreto-Lei nº 2.848 (Código Penal de 1940) assegura o direito ao aborto em casos de estupro, reconhecendo a gravidade dessa violência. Conforme estabelece a legislação:

Art. 128 - Não se pune o aborto praticado por médico: (Vide ADPF 54)

Aborto necessário

I - se não há outro meio de salvar a vida da gestante;

Aborto no caso de gravidez resultante de estupro

II - se a gravidez resulta de estupro e o aborto é precedido de consentimento da gestante ou, quando incapaz, de seu representante legal.

É importante destacar que, embora o aborto em casos de estupro seja legal no Brasil, o país ainda mantém uma postura conservadora sobre o tema, especialmente devido à forte influência de instituições religiosas cristãs. Heleieth Saffioti (2015) analisa como a submissão das mulheres no sistema patriarcal garante aos homens o controle sobre suas decisões reprodutivas. Essa estrutura de poder não só aumenta a impunidade social contra as mulheres, como também absolve os homens das consequências morais e criminais do aborto, transferindo todo o ônus para as vítimas. No conto, porém, Isaltina Campo Belo encontra uma forma singular de ressignificar sua dor: ao amar sua filha Walquíria, fruto da violência sofrida, ela reconstrói sua identidade. É através de Walquíria que ela conhece Miríades, professora da menina, que se torna a figura central em seu processo de autodescoberta. Com ela, Isaltina Campo Belo experimenta pela primeira vez o desejo por alguém do mesmo sexo sem culpa ou julgamentos, encontrando finalmente uma expressão genuína de sua sexualidade.

Naquele momento, sob o olhar daquela moça, me dei permissão pela primeira vez. Sim, eu podia me encantar por alguém e esse alguém podia ser uma mulher. Eu podia desejar a minha semelhante, tanto quanto outras semelhantes minhas desejam o homem. E foi então que eu me entendi mulher, igual a todas e diferente de todas as que ali estavam. Busquei novamente o olhar daquela que seria a primeira professora da minha filha e com quem eu aprenderia também a me conhecer, a me aceitar feliz e em paz comigo mesma (Evaristo, 2011, p. 66).

O encontro com Miríades marca o momento crucial em que Isaltina Campo Belo finalmente se reconhece e se compreende como mulher lésbica. Até então, a personagem – imersa em preconceitos e na pressão social do mundo patriarcal – não conseguia assumir sua identidade lésbica, tanto por internalização desses valores quanto pela impossibilidade de aceitação em seu contexto social. A sensação de *ser um menino no corpo*

de uma menina havia se tornado um mecanismo de defesa contra a angústia identitária que a consumia. Com *Miriades*, no entanto, esse conflito se dissolve: a professora de sua filha torna-se a figura que possibilita não apenas o autoconhecimento, mas também a aceitação e a paz interior que Isaltina Campo Belo tanto buscava em meio a seus questionamentos afetivos e existenciais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conto *Isaltina Campo Belo* apresenta uma protagonista que desafia as estruturas patriarcais secularmente impostas sobre o corpo feminino. Isaltina enfrenta a angústia de existir à margem dos comportamentos sociais heteronormativos, personificando a luta de uma mulher negra em processo de descoberta da sexualidade. Sua jornada, no entanto, é marcada pela violência do racismo, pelo abuso sexual e pela homofobia - opressões que poderiam tê-la levado a um destino trágico, como infelizmente ocorre com tantas mulheres negras e lésbicas.

Conceição Evaristo, através da escrevivência, oferece um contraponto à narrativa da vitimização: seu conto culmina com a protagonista alcançando entendimento, autoaceitação, amor e respeito. Como todas as personagens de *Insubmissas lágrimas de mulheres*, Isaltina resiste ao silenciamento histórico que cerca a mulher negra lésbica, obrigada a reafirmar constantemente sua existência perante o racismo, a misoginia e a homofobia.

O desfecho revela uma transformação radical: ao se reconhecer como mulher lésbica, Isaltina rompe os grilhões da heteronormatividade que a aprisionavam. Apesar dos traumas e conflitos vividos, ela atinge a plenitude do autorreconhecimento – não como conformismo, mas como ato político de existência. Evaristo nos mostra que a libertação, ainda que tardia, é possível: Isaltina finalmente habita seu corpo e sua verdade sem concessões.

REFERÊNCIAS

BRASIL. *Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940*. Institui o Código Penal. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848compilado.htm. Acesso em: 20 de jul. 2022.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: Feminismo e subversão de identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

EVARISTO, Conceição. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Belo Horizonte: Editorial Malê.



2016.

EVARISTO, Conceição. A escrituragem e seus subtextos. In DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. *Escrituragem: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo-afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos. In: RIOS, Flávia; LIMA, Márcia (orgs.). Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HALL, Stuart. A identidade em questão. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaciara Lopes Loura. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. p.7-22.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p. 103-130.

HOOKS, Bell. *"E eu não sou uma mulher?"*: Mulheres negras e feminismo. Trad. Bhuvan Libanio. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

LEAL, Virgínia Maria Vasconcelos. Deslocar-se para recolocar-se: amores entre mulheres em narrativas de autoria feminina. In: DALCASTAGNÈ, Regina; THOMAZ, Paulo (Orgs.). *Pelas margens: representação na narrativa brasileira contemporânea*. Vinhedo: Editora Horizonte, 2011, p. 248-261.

LERNER, Gerda. *A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens*. Trad. Luiza Sellera. São Paulo: Cultrix, 2019.

LORDE, Audre. Idade, raça, classe e gênero: mulheres definindo a diferença. In: HOLLANDA, H. B. *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. [et al]. Org. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019. P. 239-249.

RICH, Adrienne. Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence. In: GELP, Barbara C. & GELP, Albert (editores). *Adrienne Rich's Poetry and Prose*. New York/London: W.W. Norton & Company, 1993.

SAFFIOTI, Heleieth. *Gênero, patriarcado, violência*. 2 ed. São Paulo: Expressão popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SÁNCHEZ, Javier Santos. *Insubmissas lágrimas de mulheres, de Conceição Evaristo: A desconstrução dos discursos hegemônicos e o surgimento de um novo arquétipo de herói*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Programa de Pós- Graduação em Letras: Estudos Literários, Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros,



2020.

SOBRINHO, Simone Teodoro. *A violência de gênero como experiência trágica na contemporaneidade: estudo de Insubmissas Lágrimas de Mulheres, de Conceição Evaristo*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras: estudos literários, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

**THE BLACK WOMAN'S INSUBSIDY TOWARDS THE
PATRIARCHAL AND HETERONORMATIVE SYSTEM IN THE
SHORT STORY ISALTINA CAMPO BELO BY CONCEIÇÃO
EVARISTO**